

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

“O mundo já viu esse filme antes, e ele não terminou bem. Espera-se, porém, que a ômicron seja rapidamente derrotada pela ciência”

Turismo começa a sofrer com nova variante

Um empresário paulista do ramo de turismo está preocupado com a variante ômicron do novo coronavírus. “O setor não tem como suportar novas restrições de circulação”, diz. “Minha agência perdeu 80% do faturamento no auge da pandemia. Agora estava retomando as vendas, e surge essa história. Assim vai ser impossível sobreviver.” Ele fez o desabafo ao descobrir que o Japão fechou as fronteiras para visitantes do exterior. Quem tinha viagem programada terá de negociar novas datas com as operadoras, e isso nem sempre é fácil. No segmento aéreo, o cenário é de tensão. “Os governos estão respondendo aos riscos de uma nova variante do coronavírus em modo de emergência, causando medo entre os viajantes”, criticou Willie Walsh, diretor-geral da Associação Internacional de Transportes Aéreos (Iata). O mundo já viu esse filme antes, e ele não terminou bem. Espera-se, porém, que a ômicron seja rapidamente derrotada pela ciência.

Ed Alves/CB/D.A Press



Ômicron não ameaça a economia global

Há mais dúvidas do que certezas sobre a gravidade da variante ômicron, mas é certo que ela não provocará os estragos que o início da pandemia trouxe para a economia global. O mundo aprendeu nos últimos dois anos a lidar com as restrições impostas pelo coronavírus, e é provável que os programas de vacinação já consolidados funcionem como uma barreira contra a disseminação da doença. A exceção deverá ser o setor de turismo e viagens, que não tem como se proteger contra o fechamento das fronteiras.

Lendas corporativas também perdem o emprego

Ninguém está imune às pressões por desempenho. Jack Dorsey, um dos fundadores do Twitter, foi obrigado a deixar a empresa sob a acusação de não dar a atenção a ela. Dorsey dividia o tempo entre as atribuições no Twitter e na empresa de pagamentos digitais Square. Afastamentos de executivos renomados são mais comuns do que se imagina. O próprio Dorsey foi demitido em 2008, mas voltou em grande estilo depois. Steve Jobs, o gênio da Apple, foi dispensado da empresa por atritos com diretores.

Marco BELLO / AFP



Inovação está distante da realidade das empresas

A inovação virou tema obrigatório no mundo corporativo, mas não está tão presente na rotina das empresas. Segundo estudo feito pelo Instituto FSB Pesquisa, a pedido da Confederação Nacional da Indústria (CNI), só 51% das indústrias nacionais têm um setor específico para isso. Os dados também revelaram que 63% sequer têm orçamento reservado para inovação e 65% não dispõem de profissionais exclusivamente dedicados a inovar. Isso explica por que o Brasil faz feio em rankings internacionais.



Temos um Banco Central fraco, que vai errar como errou no passado. Errou dizendo que não ia ter inflação, e agora vai errar de novo achando que a inflação vai ser mais alta”

Pedro Cerize, gestor da Skopos e sócio da casa de análise Inversa

US\$ 17,6 BILHÕES

é quanto a montadora japonesa Nissan vai investir para desenvolver baterias de carros elétricos

RAPIDINHAS

A empresa de planos de saúde Qualicorp e a Orthopríde, maior rede de clínicas dentárias do Brasil, assinaram uma parceria inspirada no conceito store-in-store. Pelo acordo, a Qualicorp instalará nas lojas Orthopríde quiosques para vender seus produtos. O projeto será iniciado em Belo Horizonte e no Grande Rio de Janeiro.

O grupo espanhol Acciona entrou no mercado brasileiro de energia renovável com a compra de um projeto eólico na Bahia que pertencia à Casa dos Ventos. São dois parques que, juntos, deverão receber investimentos de, aproximadamente, R\$ 5 bilhões. Com atuação de duas décadas no Brasil, a Acciona quer aumentar os aportes em infraestrutura.

A desaceleração econômica derrubou o Índice de Confiança do Comércio medido pela Fundação Getúlio Vargas. O indicador caiu 6,2 pontos em novembro. Em médias móveis trimestrais, recuou 4,3 pontos — foi a terceira queda consecutiva. Segundo a FGV, os consumidores brasileiros estão preocupados com a alta da inflação.

A nova era digital impulsiona o mercado de smartphones no Brasil. De acordo com dados da Anatel, o número de celulares habilitados no país cresceu 11% de junho de 2020 até setembro de 2021. São 249,4 milhões de chips em operação. É mais do que toda a população brasileira, além de representar o maior volume desde 2016.

CONJUNTURA

Depois do estouro da meta em 2021, mercado financeiro piora expectativas e já vê IPCA do próximo ano batendo no teto de 5% definido pelo governo, enquanto crescimento despenca

Inflação no limite em 2022

» BERNARDO LIMA*

O mercado financeiro já projeta a inflação no teto da meta do governo em 2022. De acordo com a mediana das previsões dos economistas ouvidos semanalmente pelo Banco Central (BC) no relatório Focus, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deverá subir 5% no próximo ano. A meta definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) é 3,5% ano, com tolerância de 1,5 ponto percentual (p.p) para cima ou para baixo, ou seja, o piso é de 2% e o teto de 5%.

Na semana passada, a projeção do mercado era de 4,6%. Foi a 19ª vez seguida que a previsão aumentou. Para 2021, a projeção aumentou pela 34ª semana seguida e foi a 10,15%, bem acima do objetivo central de 3,75% e do teto de 5,25%. Como a inflação deste ano já está acumulada em 8,25%, e não há mais possibilidade de o indicador convergir para a meta, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, deverá apresentar carta pública ao ministro da Economia, Paulo Guedes, para explicar as razões do descumprimento do objetivo, e o que fará para evitar que o mesmo aconteça no próximo ano.

A alta constante da inflação vem seguida de expectativas de baixo crescimento para o país. Segundo o Focus, o Produto Interno Bruto (PIB) deve crescer 4,78% este ano e apenas 0,58% no próximo. Para o economista Felipe Queiroz, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), as projeções negativas demonstram que o governo perdeu o controle sobre a economia. “O governo vive em uma crise contínua, causada

por declarações de seus próprios representantes. Isso faz com que as projeções e as expectativas dos agentes econômicos em relação ao câmbio, principalmente, se deteriorem, gerando uma fuga de capital.”

Na cotação atual, o dólar americano já custa R\$ 5,60. Isso faz com que os produtores elevem o preço de suas mercadorias, piorando o cenário de inflação. “Com a taxa de câmbio desvalorizada, o produtor tem um incentivo muito maior a direcionar sua produção ao mercado externo. Logo ele ajusta o preço do sapato, por exemplo, no mercado local, ao preço do mercado externo”, afirma Queiroz.

Para conter a inflação, o BC aumenta a taxa de juros. O economista julga a medida como equivocada. Segundo ele, esse é um instrumento usado para a chamada “inflação de demanda”, que não seria o caso atual: “Temos 14 milhões de desempregados, índice de miséria e fome aumentando. Não temos demanda aquecida, temos demanda reprimida com falta de emprego. Quando o BC adota essa medida, afeta ainda mais a capacidade de recuperação da economia do país”, disse.

Carlos Alberto Ramos, economista da Universidade de Brasília, afirma que o aumento da inflação é um fenômeno mundial: “Mesmo em países europeus, temos a maior taxa de inflação em quase 30 anos. O problema é deixar que a inflação se torne um problema estrutural, de longo prazo”. Segundo Ramos, a situação se agrava no Brasil, devido ao real desvalorizado.

*Estagiários sob supervisão de Odail Figueiredo

Raphael Ribeiro/BCB



Campos Neto: objetivo descumprido em 2021 e novo problema para o ano que vem

Inadimplência bate recorde

Com inflação e taxa de juros crescendo, o percentual de famílias brasileiras com dívidas ou contas em atraso foi de cerca de 26,1% em novembro, de acordo com dados divulgados pela Confederação Nacional do Comércio (CNC). É a maior proporção de inadimplência registrada em meses de novembro, desde o início da série histórica, em janeiro de 2010.

A Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) também

mostra aumento no percentual de famílias endividadadas, que alcançou 75,6% dos lares no país — um ponto percentual a mais do que em outubro e 9,6 pontos acima do visto em novembro de 2020. O número de endividados no país está há 11 meses em alta.

Além disso, a Peic também mostra que 10,1% dos brasileiros não terão condições de pagar suas dívidas ou contas. O percentual é o mesmo de outubro, mas abaixo dos 11,5% de novembro do ano passado.

A economista da confederação, Isis Ferreira, revela os motivos dessa elevação das dívidas dos brasileiros. “O dinheiro está acabando antes do mês acabar, e as famílias estão apelando para o cartão de crédito”. Ela explica que o cartão é a modalidade mais cara para o consumidor. A taxa de juros rotativo do cartão de crédito para pessoas físicas bateu em 343,6% ao ano em outubro. Este é o maior patamar registrado desde setembro de 2017. (BL)

Bolsa: dia de recuperação

» JOÃO VÍTOR TAVAREZ*

Mesmo com as incertezas sobre a variante ômicron do novo coronavírus, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) fechou em alta de 0,58%, a 102.814 pontos. Já o dólar subiu 0,25%, cotado a R\$ 5,610. Com isso, a moeda norte-americana acumula recuo de 0,66% no mês, mas, no ano, sobe 8,15%.

Na bolsa, o cenário é visto como de certa recuperação, após o baque da última sexta-feira, quando o Ibovespa, principal índice do pregão, despencau 3,39%, batendo nos 102.224 pontos. Matheus Villar, analista de investimentos da Be Capital, avalia que os resultados refletem a diminuição dos receios sobre a nova cepa do vírus.

“As exportadoras de commodities puxaram a alta da bolsa, seguindo o avanço das cotações internacionais do petróleo e do minério de ferro. Mas o baixo volume de negociação e o fraco desempenho dos papéis ligados à atividade econômica doméstica indicam que os investidores ainda aguardam o desfecho da tramitação da PEC dos Precatórios no Congresso e da situação fiscal do país”, disse.

Villar acrescentou que, apesar da insegurança, a curva de juros operou majoritariamente em queda após os resultados primários das contas do governo terem superado as expectativas, levando o Tesouro a estimar que a dívida pública fechará o ano em 80,6% do PIB, abaixo das projeções iniciais.